

▶ EDITORIAL

É tempo de esperar

Quando Chiquinho e Domingos Brazão foram presos, acusados de serem os mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, seus computadores e celulares foram apreendidos pela Polícia Federal. Entretanto, as mensagens e textos contidos nesses dispositivos revelaram como funciona a influência política dos irmãos nos órgãos da Prefeitura e do Governo Estadual. Do assistencialismo às câmaras legislativas, a família Brazão estava envolvida em indicações pessoais em esquemas de transferência de verbas públicas.

Paralelamente à trajetória do clã, um político contemporâneo a eles, Eduardo Paes, tornou-se prefeito da cidade do Rio de Janeiro por três mandatos. A proximidade de Paes com os irmãos Brazão atingiu seu auge com a nomeação de Chiquinho como secretário de Ação Comunitária. Sua habilidade de articulação pode ser seu ponto forte, mas confere a Eduardo Paes uma ambiguidade que gera desconfiança sobre quais são os limites do inegociável. Hoje, candidato à reeleição, Paes demonstra sua intenção de garantir a vitória no primeiro turno, mesmo que isso signifique frequentar cultos em segmentos ultraconservadores ou promover o medo entre os progressistas de que, sem ele, haverá retrocessos na cidadania.

O uso do medo como estratégia de voto apareceu na eleição presidencial da década de 1990, quando havia o temor sobre como seria o governo do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva. “Com ele, haverá instabilidade institucional.” Na época, Lula respondeu com uma única palavra que acompanhou todas as suas campanhas, mesmo após a sua primeira eleição em 2002: ESPERANÇA.

Infelizmente, a esperança não moveu o PT carioca na defesa de uma candidatura própria. O medo de enfrentar as forças que dominam a capital levou à escolha de um gestor, embora ele também faça parte do problema. De qualquer maneira, candidaturas de esquerda resistem e ousam continuar tentando, pelas vias do voto direto, transformar as bases da cidade. As candidaturas de Tarcísio Motta (PSOL), Cyro Garcia (PSTU), Juliete Pantoja (UP) e Henrique Simonard (PCO) são causas perdidas? NÃO! São a ESPERANÇA de uma militância ativa, apesar de todas as adversidades.

430 anos de Jacarepaguá

Yakaré Upá Guá e sua história

Gardênia Azul e o arquiteto Lúcio Costa

Cresce o número de assaltos na Taquara

Páginas 3, 5 e 8



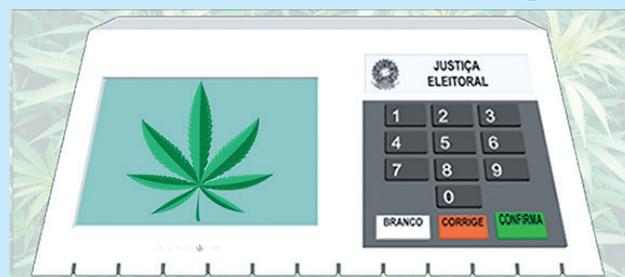
Vista parcial da Baixada de Jacarepaguá

Casa Groov nas ruas de Jacarepaguá

Página 7

As drogas e as eleições

Página 6



Primeiro Emprego na Baixada de Jacarepaguá:

dicas para garantir uma valiosa vaga

Página 2

Decepção com o ministro Silvio Almeida

Página 4



Escabeche de Sardinhas



Ingredientes necessários

- 1kg de sardinhas limpas
- 2 cebolas roxas (ou brancas)
- 2 tomates
- 2 pimentões (um verde e um vermelho)
- 1 xícara de azeite (ou óleo)
- 10 azeitonas pretas
- 1 xícara de vinagre
- 4 a 5 dentes de alho
- 3 folhas de louro
- Orégano
- Pimenta do reino
- Salsinha a gosto
- Coentro fresco a gosto
- 1 Limão

Sal a gosto

Como preparar

Arrumar em camadas os temperos e as sardinhas limpas (fechadas e sem cabeça) e colocar na panela de pressão. Após começar a chiar, baixar o fogo e deixar cozinhando por 30 minutos. Só abrir depois de fria. As espinhas somem e fica muito saboroso.



Mayra Soares
Consultora de RH

Primeiro emprego na Baixada de Jacarepaguá: a preparação que faz a diferença

Para os jovens da Baixada de Jacarepaguá, conseguir o primeiro emprego é uma chance valiosa de crescimento. Apesar da falta de experiência ser um desafio, dedicação e preparação podem abrir portas e ajudar a se destacarem no mercado de trabalho.

Dicas para se preparar para o primeiro emprego:

1. **Tenha um bom currículo:** um currículo bem-feito é crucial. Inclua cursos, atividades voluntárias ou trabalhos escolares que mostrem suas habilidades e disposição para aprender e crescer.
2. **Invista em qualificação profissional:** a qualificação é fundamental. Muitos cursos on-line gratuitos podem ajudar a melhorar sua capacidade. Plataformas como YouTube, Senai, Sebrae, Fundação Bradesco têm cursos em diversas áreas. Aproveite essas oportunidades.
3. **Esteja aberto ao aprendizado:** as empresas valorizam jovens que desejam aprender e se adaptar. A disposição para crescer pode ser um diferencial importante, mesmo sem experiência anterior.
4. **Procure estágios e oportunidades:**
 - Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE): oferece vagas de estágio e progra-



mas de jovem aprendiz.

- Plataformas On-line: sites como LinkedIn, Indeed e Vagas.com.br têm seções específicas para estágios e oportunidades para jovens.
- Feiras de emprego e eventos locais: fique atento aos eventos de recrutamento na região.
- Redes sociais: siga empresas locais e grupos relacionados a empregos e estágios.

Como consultora de recrutamento e seleção, vejo que um currículo bem-feito e uma atitude positiva fazem toda a diferença. O mercado pode ser desafiador, mas com esforço e perseverança, as oportunidades surgem.

Lembre-se: um bom currículo é o primeiro passo, a qualificação é o segundo e a disposição para aprender é o que fará você se destacar. Acredite em seu potencial e procure oportunidades!

Pronto para começar? Dê o primeiro passo agora! Vamos em frente!

Conecte-se no Instagram: @mayrasoaresrh e LinkedIn: Mayra Soares para mais dicas.

Seja ASSINANTE e apoie o JORNAL ABAIXO-ASSINADO

Acesse
www.jaajrj.com.br/catarse.me

Além de receber o jornal impresso bimensal em sua residência, você terá acesso a todo o conteúdo do jornal digitalizado em PDF, via WhatsApp.



Professora Juliana Bernardo



Dicas para fazer redação

Escreva uma bela introdução!

Olá, queridos leitores, tudo bem? Nesta edição, apresentarei a vocês como começar a redação escrevendo uma introdução de excelência que será capaz de desenvolver todo o resto do texto.

Na introdução, é preciso redigir estes três tópicos:

- A contextualização;
- a tese;
- a tese com dois argumentos.

Tá, professora, mas o que significa cada um desses tópicos? Explica!

A contextualização deve relacionar o tema com um conhecimento de mundo que pode ser:

- um filme;
- uma obra literária;
- um fato histórico;
- uma definição;
- uma citação direta ou indireta;
- entre outros.

A tese deve apresentar o seu ponto de vista geral acerca do tema. Precisa ser iniciado por meio de um conectivo, conter palavras-chaves da frase temática e modalizadores, ou seja, aspectos



Foto: Freepik

gramaticais que marquem a sua opinião.

A tese com dois argumentos deve expor, de forma sintética, os argumentos que deverão ser desenvolvidos ao longo do texto. Eles precisam ser retomados, de maneira coerente, no D1 e no D2.

Não para por aí. Na próxima edição, mostrarei exemplos para vocês entenderem na prática como essa estrutura funciona. Não fique ansioso(a)! Aproveite para me seguir nas minhas redes sociais: @professora_julianabernardo (Instagram); Profa. Juliana Bernardo Português (Facebook); @professora.ju6 (TikTok). Um grande abraço e até outubro!

Peça gratuitamente um exemplar do JAAJ ao seu jornaleiro

• Naldo da Banca

Estrada do Tindiba, em frente ao nº 2.331 Taquara



Jornaleiro Naldo

EXPEDIENTE



O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64.

Críticas, sugestões e reclamações:
jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial:

Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Douglas Aguiar, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Magalhães, Luiz Claudio, Manoel

Meirelles, Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna, Severino Honorato, Silvia Costa

Coordenação Geral:

Almir Paulo, Val Costa e Silvia Costa
Arte e Diagramação: Jane Fonseca.
Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



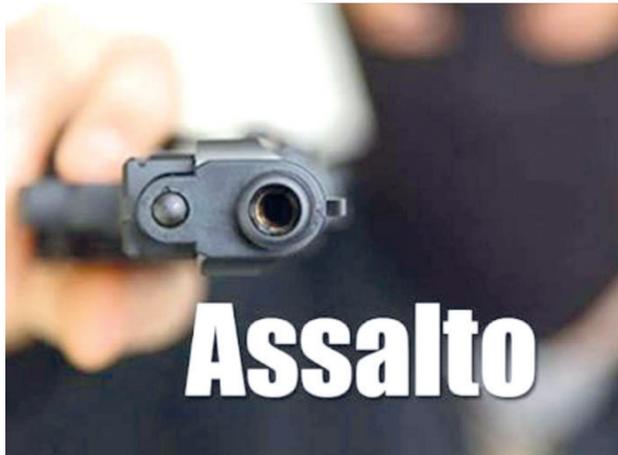
Douglas Aguiar
Estudante de jornalismo

Aumento do número de assaltos na Outeiro Santo assusta moradores

A estrada Outeiro Santo, na Taquara, que sempre foi um lugar de muita tranquilidade, tem convivido nos últimos meses com um clima de insegurança e de constantes assaltos.

A reclamação é geral. Moradores da Outeiro Santo têm sido vítimas de ladrões, que descem de veículos fortemente armados e rendem moradores na porta de casa, como também entram nos condomínios para assaltar.

Os casos são inúmeros e frequentes. A cerca de três meses, mãe e filho foram rendidos por dois criminosos e ameaçados de morte durante um roubo de carro dentro do Condomínio 907. Na madrugada do último dia 7, outro assalto voltou a indignar os residentes da região. Por volta de 4h20 da manhã, imagens



de câmera de segurança flagraram os bandidos descendo do carro fortemente armados, próximo ao número 742da Outeiro Santo, e levando a moto de um morador. Vários roubos de pneus de carros também vêm ocorrendo na Taquara, inclusive, recentemente, furtaram os quatro pneus de um veículo estacionado na rua da Creche na Colônia Juliano Moreira.

Resolver o problema de segurança pública no Rio de Janeiro é, sem dúvida, uma tarefa complexa e desafiadora. Requer esforços coordenados entre diversas áreas, incluindo educação, emprego, assistência social, melhorias na iluminação pública e, principalmente, aumento do contingente de policiais atuando nas áreas mais críticas.

Não podemos aceitar a violência como algo normal e natural. Queremos mais segurança, governador!



Roberta Azevedo
Jornalista

Pré-Vestibular para Negros e Carentes Padre Roberto Barbosa de Melo celebra 30 anos de luta pela educação

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) da Taquara, na Paróquia Sagrada Família, que atende estudantes de baixa renda, completou 30 anos de existência. Para comemorar esse importante marco, o núcleo – precursor da iniciativa em Jacarepaguá – realizou, no dia 31 de agosto, uma grande celebração que contou com a participação de alunos, professores, coordenadores e voluntários de todos os anos. O evento foi repleto de emoções, partilhas e reflexões e marcou o encontro de diferentes gerações.

O coordenador Adilson Campos abriu a cerimônia falando da importância do patrono Padre Roberto Barbosa de Melo, que faleceu em 2023, como o maior incentivador do projeto ao longo de três décadas e agradeceu todos que apoiam e fortalecem o PVNC, em especial os professores.

Ex-alunos e ex-membros da Pastoral da Juventude (PJ), que fundaram o núcleo em 1994, contaram como ele foi criado. O advogado Cristiano Vecchi falou sobre os desafios enfrentados por ele e seus amigos Emerson Salvador, João Parangaba, Lenilce Flor, Luciano Giovanelli, Maurício Vecchi e Sérgio Coelho para instituir o projeto e concretizar o sonho de entrar na universidade. Eles estimularam os alunos a não desistirem da educação.

O professor e ex-deputado estadual Robson Leite, voluntários e ex-alunos – que fizeram parte da história do núcleo – e o vereador Edson Santos deram depoimentos.

A coordenadora Lenilce Flôr e a ex-aluna Roberta Azevedo homenagearam pessoas fundamentais pelas vitórias alcançadas: os professores Antônio Eduardo, Maria Alexandrina e Elizabeth Santos; Padre Jefferson Araújo, atual pároco da igreja; Leonardo Chaves, articulador da PJ no PVNC e na Educafro; Frei David Raimundo, que garantiu o acesso de mais de 60 mil estudantes pobres no Ensino Superior; os professores da PUC-Rio Augusto Sampaio, José Carmello e Luiza Helena; o professor Robson Leite, criador de políticas voltadas aos pré-vestibulares comunitários; os zeladores Ademir Soares, Francisco Souza e José Pereira e os familiares do patrono Padre Roberto.

Após a cerimônia, a sala do PVNC foi reinaugurada e houve uma confraternização no salão paroquial.



Participantes do evento na confraternização do PVNC



Da esquerda para a direita Maurício Vecchi, Emerson Salvador, Luciano Giovanelli, João Parangaba, Lenilce Flor, Sérgio Coelho e Cristiano Vecchi, fundadores do projeto



Irmã do patrono Padre Roberto, Márcia Barbosa de Melo e a coordenadora Lenilce Flôr



Cleide Santos - Jornalista

Silvio Almeida foi exonerado do cargo de Ministro dos Direitos Humanos após denúncias de assédio e importunação sexual

O advogado Silvio Almeida foi exonerado do cargo de ministro dos Direitos Humanos pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva após a ONG Me Too Brasil tornar público a existência de denúncias de assédio e importunação sexual contra ele. Uma das vítimas seria a ministra da Igualdade Racial Anielle Franco. Assim que o caso se tornou público, o ministro emitiu uma nota de esclarecimento. *“Toda e qualquer denúncia deve ter materialidade. Entretanto, o que a gente consegue perceber justamente nessa matéria são ilações absurdas que têm o único intuito de me prejudicar, de apagar a minha história e as histórias que eu tento contar com a minha vida e com a minha luta. Eu confesso para vocês que é muito triste viver tudo isso, isso está doendo na minha alma do fundo do meu coração. Mas eu quero dizer que tem um grupo que está querendo diminuir a minha existência, querendo imputar condutas que são coisas que eles praticam. E com isso o Brasil perde, perde a pauta de Direitos Humanos, perde a pauta da igualdade racial e perde principalmente o povo brasileiro”,* escreveu ele em seu comunicado oficial.



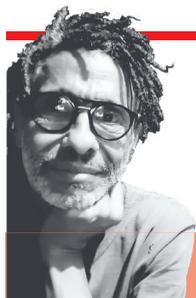
Silvio Almeida

Assim que a demissão de Silvio Almeida foi divulgada, a ministra Anielle Franco emitiu uma outra nota oficial. *“Não é aceitável relativizar ou diminuir episódios de violência. Reconhecer a gravidade dessa prática e agir imediatamente é o procedimento correto, por isso ressalto a ação contundente do presidente Lula e agradeço todas as manifestações de apoio e solidariedade que recebi. Peça*

que respeitem meu espaço e meu direito à privacidade. Contribuirei com as apurações sempre que acionada”, afirmou a ministra.

Uma candidata a vereadora de Santo André, a professora Isabel Rodrigues, usou as suas redes sociais para declarar que foi assediada no ano de 2019 pelo ex-ministro Silvio Almeida. Porém, apesar de ter sido tema de suas terapias e de conversas com familiares e amigos, a professora informou não ter falado na época por medo da denúncia se voltar contra ela.

O Palácio do Planalto se pronunciou oficialmente: *“O presidente considera insustentável a manutenção do ministro no cargo considerando as acusações de assédio sexual. A Polícia Federal abriu de ofício um protocolo inicial de investigação sobre o caso. A Comissão de Ética Pública da Presidência da República também abriu procedimento preliminar para esclarecer os fatos. O Governo Federal reitera seu compromisso com os Direitos Humanos e reafirma que nenhum tipo de violência contra as mulheres será tolerada”.* A Comissão de Ética Pública deu o prazo de dez dias para o ex-ministro Silvio Almeida se pronunciar sobre as acusações que pairam sobre ele.

Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

Salve os amados Cosme e Damião!

Faz tempo, ouço crianças dizer: “Doce de Cosme e Damião é do diabo.” Há quem não consuma açúcar em excesso. Mas que o que fazem contra as crianças, incutindo-lhes demônios em suas mentes? Todo respeito à cultura popular ao distribuir saquinho de doces, comemorando Cosme e Damião! Todo cuidado com as crianças, em correr-corre pelas ruas, no dia 27 de setembro, todos os anos!

A tradição de comemorar o dia de Cosme e Damião, os gêmeos de origem árabe, nascidos na Síria dominada pelo Império Romano, por volta do século III d.C., veio da Igreja Católica. Os seus nomes árabes eram *Acta* e *Pasio*, e como médicos formados e cristãos praticantes possuíam o dom da cura; cuidavam dos enfermos pobres e não aceitavam pagamentos. Sua bondade e fama cresceram e eram chamados de *anargiras*, isto é: “avessos ao dinheiro”. Dessa forma, eles reuniam novos adeptos para a fé cristã, tornando-se alvos de perseguições do Império Romano. Nunca renegaram sua fé, foram presos e decapitados, no dia 27 de setembro.

Na pandemia do Covid-19 (2020), tanto foi preciso respeitar o recolhimento domiciliar quanto sair da segurança



de casa, para resolver situações indispensáveis. Nas ruas, onde quer que eu fosse, vi muitas pessoas em total abandono. Com meu celular, iniciei um registro fotográfico, continuando após ao *lockdown*. Nas redes sociais, o exercício crítico é contínuo, ante as informações banais, que na pandemia negou a gravidade da Covid, da ciência, com boicotes às medidas preventivas, uso de medicações sem teste para Covid-19. O negacionismo matou muitas vidas.

Saturado pelas *fake new* e o peso do desmonte da seguridade social, acolhi a inspiração para uma criação estética... Cosme e Damião!... sem o aprisionamento da fé cega que nem moral religiosa que detrata a memória e a imagem dos gêmeos. Inspiração, ressoando os significados em Cosme e Damião, principalmente, a elevação ética humanitária e libertadora.

As pessoas em abandono nas ruas constituem uma realidade, as fotos no meu celular, um registro e fundamento ao meu fazer estético, porque é preciso tornar real a humanidade. Assim, na obra pretendida, os amados gêmeos serão como a “firma” da guia de contas rosas e azuis, com 40 carrinhos a conduzir 40 imagens de pessoas aos acolhimentos necessários. Sarava Cosme e Damião!

LEIA O SITE DO JAAJ

www.jaajrj.com.br

& FACEBOOK

Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá



História da Região

Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF
e pesquisador do IHBAJA

Setembro de 1968. A região da Barra da Tijuca, com as várias obras de melhoramentos realizadas desde a década anterior, estava exposta “a uma ocupação imobiliária indiscriminada e predatória”, nas palavras de Lucio Costa. O governador da Guanabara Negrão de Lima encomendaria àquele o Plano piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Serenambetiba e Jacarepaguá, que seria apresentado em abril de 1969. Com esse instrumento o governo estadual visava planejar a ocupação da região, evitando o crescimento descontrolado e destruição do espaço verde. O objetivo do arquiteto, um dos formuladores do plano de Brasília, era fomentar o crescimento urbano da região, em especial a parte que compreendia a Barra da Tijuca. A ideia de planejamento da ocupação de uma área era crucial. Ela deveria vir antes de tudo. Mesmo antes de qualquer melhoramento urbano promovido pelo estado. Até porque a expansão urbana sem planejamento poderia atrair “construções impróprias”, que poderia pôr em risco a integridade paisagística da região. Embora o plano priorizasse a Barra, a área limítrofe também previa uma série de intervenções sobre os territórios vizinhos.

Lucio Costa não entrava em detalhes de como deveria ser ocupada Gardênia Azul, mas deixava claro ao mesmo tempo que entendia a área, assim como a Cidade de Deus, como ocupações que destoavam para o que eles planejavam como ideal para a área da Barra da Tijuca. Para esta, o professor Costa se esmerava no detalhamento do que construir e de como. Tudo indicando que as áreas deveriam ser ocupadas pelos grupos mais aquinhoados da sociedade: “edifícios residenciais” com “um sistema térreo autônomo de lojas”, “com passeio coberto”, junto de “pátios, pracinhas e áreas de recreio para crianças”. Tais núcleos residenciais seriam “ligados diagonalmente a uma via paralela à BR, ao longo do canal do Cortado, devidamente alargado e com margens arborizadas”. Previa-se até mesmo o estabelecimento de “cinemas e ou-

Gardênia Azul e o Plano Lúcio Costa

tras comodidades” próximos aos núcleos, “de acordo com a conveniência dos interessados”. Até mesmo as casas eram minuciosamente detalhadas, com a previsão de construção de “cerca viva com aramado, portões e eventual pavilhão de caseiro”. Outro tipo de planejamento foi concebido para os núcleos residenciais mais modestos, ou no dizer de Lucio Costa, que “já comportam sólido lastro proletário”. Tal “personalidade” justificaria que tais áreas fossem transformadas numa zona industrial. As sugestões para essas áreas eram vagas e genéricas. Ao mesmo tempo, a única preocupação que transparece no projeto piloto sobre áreas como Gardênia Azul não diz respeito ao seu desenvolvimento e sim com a melhor maneira de escondê-la: “Para melhor delimitação da área, seria desde já criado ao longo desse eixo, na divisa do bairro Gardênia Azul, uma densa cortina verde de árvore de crescimento livre, de preferência “ficus-benjamina”, e as construções, de partido arquitetônico horizontal, seriam dispostas sobre plataformas e espelhos d’água ligeiramente escalonados, conjunto dominado pelo edifício-torre de altura monumental”.

A maneira como Gardênia Azul era enquadrada no projeto de Lúcio Costa, em que até a Pedra da Panela tinha mais “valor paisagístico” do que o bairro, fazia parecer que a localidade parecia uma anomalia, como algo atrapalhasse a evolução urbana da região da Baixada de Jacarepaguá. Não à toa voltaria à tona, inclusive na imprensa, propostas de desalojamento da população de Gardênia Azul. O trabalho de Ângela Fontes (Gardênia Azul: o trabalho feminino na produção do espaço urbano) demonstra que a Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro



O então prefeito Marcos Tamoyo. Gardênia Azul foi reconhecido como bairro em sua administração.

população da área sob a alegação de que não haveria possibilidade de urbanizá-la de acordo com o modo como já estava habitada porque as construções já existentes estariam abaixo do nível do mar” (p. 90). Mas os moradores, através da Associação de Moradores, prontamente se mobilizaram e foram pressionar diretamente o presidente da CEHAB, Benjamim de Moraes. Em depoimento dado a Ângela Fontes, Antônio Silvino, morador de então e que foi um dos protagonistas daqueles eventos, revelou: “Disse a ele [Benjamim de Moraes] que nós já tínhamos lutado 15 anos e que lutaríamos mais 20, que o povo estava preparado para isso. Aí então o professor chamou os outros diretores e convocou uma reunião. Reunidos ali chegamos à conclusão que o protesto ia continuar, que devia ser

desativado [o projeto de blocos de apartamentos] e que Gardênia Azul ia continuar conosco. [...] as imobiliárias que exploram a Barra da Tijuca, como a Sérgio Dourado por exemplo, deveriam estar [envolvidas]... (pp. 90-91”.

Diante de tanta resistência, a CEHAB recuou. Ao mesmo tempo, os moradores trataram de pressionar mais o governo estadual para garantir a efetivação da regularização do loteamento. O que viria ocorrer em 1973, na administração Faria Lima. A aprovação do projeto de urbanização demorou um pouco mais, pois a CEHAB alegava que as casas tinham sido construídas abaixo do nível da rua. A associação mobilizou os moradores novamente e fez correr um abaixo-assinado pelo qual aqueles diziam estar cientes do problema que era ter suas casas num nível abaixo das obras de urbanização. Pedro Moreira Pádua, também morador, relembra o fato: “levantamos... fomos de casa em casa, e apanhamos a maioria de assinaturas [...]. Entregamos na CEHAB e foi encaminhado para a SERLA, [...] nós nos responsabilizávamos pelas nossas construções.” (p. 92). Assim, o projeto de esgoto e urbanização seria finalmente aprovado no final de 1974, durante a administração de Chagas Freitas. E executado apenas em 1978 na gestão de Marcos Tamoyo (já como prefeito da cidade do Rio de Janeiro).



Mapa Gardênia Azul

AVISO

EM JACAREPAGUÁ — FREGUEZIA

A Territorial Pan-Americana Ltda. comunica que a partir desta data está aceitando reservas do grande lançamento de vendas que faz do “PARQUE GARDÊNIA AZUL”, no melhor ponto de Jacarepaguá, no Largo do Anil, junto à Freguesia, com bonde, ônibus e lotação, com urbanização completa, ruas asfaltadas, meios-fios, água, luz, telefone, etc. Preço excepcional de Cr\$ 56.000,00 em 100 prestações mensais de Cr\$ 560,00, sem entrada e sem juros.

A melhor aplicação de capital no momento. Valorização imediata.

CONCESSIONÁRIA EXCLUSIVA DO EMPREENDIMENTO

TERRITORIAL PAN-AMERICANA LTDA.

AV. RIO BRANCO, 120, SOBRELOJA, SALA 11, TEL. 22-0464

INFORMAÇÕES E RESERVAS:

AV. RIO BRANCO, 151, 11.º, Grupo 1110/11, tel. 52-1781

Anúncio de venda de lote no Gardênia Azul



Maria de Lourdes Silva
Professora da
Faculdade de
Educação da
UERJ

Drogas e eleições municipais de 2024: um cenário de contrastes

O cenário das eleições deste ano de 2024 se apresenta bastante interessante no que diz respeito aos modos como as drogas aparecem e participam do processo eleitoral. De um lado, temos um conjunto de candidatos que defendem a criminalização das drogas e de seus usuários e, de outro lado, temos “a eleição mais canábica de todos os tempos”, como afirma matéria do Poder 360, em 06 de setembro de 2024.

Recentemente, vimos o candidato à prefeitura do município de São Paulo, Pablo Marçal, acusando de “cheirador de cocaína” o também candidato ao mesmo posto, Guilherme Boulos. Isso rendeu notícias por quase duas semanas. A acusação afetava a reputação e a imagem do candidato Guilherme Boulos, pois, no regime de moralidades prevalentes atualmente, um “cheirador de cocaína”, nas palavras do acusador, não teria moral para assumir a prefeitura da maior e mais rica cidade do país. No entanto, a considerar o crescimento das intenções de votos para o candidato acusador, essa moralidade prevalente não parece se incomodar (ou se incomoda menos) com o fato comprovado e, por isso verdadeiro, de que este candidato já tenha se envolvido em crimes investigados pela Polícia Federal por furto, falsidade ideológica eleitoral, apropriação indébita eleitoral, lavagem de dinheiro durante as eleições de 2022, emissões de nota fiscal fraudulentas, entre outros crimes. E como se isso tudo não bastasse, há ainda outras comprovações de que o candidato Pablo Marçal mantém ligações com pessoas envolvidas com o crime organizado do tráfico de drogas. Suas relações com pessoas suspeitas vão de empresário “indiciado pela Polícia Federal (PF) por tráfico de drogas, associação criminosa e lavagem de dinheiro” a líderes de organizações criminosas, segundo afirma o Brasil de fato, em matéria publicada em 26 de agosto de 2024. Esta matéria cita ainda outros amigos do candidato Pablo Marçal envolvidos com o tráfico de drogas que financiam sua campanha.

O candidato Guilherme Boulos, por sua vez, correu às mídias para se defender das acusações do adversário. Afirmando nunca ter usado drogas, ele tomou distância da questão, dando mostras do quanto o assunto é espinhoso e pode destruir reputações e acabar com as chances de um candidato em processo eleitoral e em posição privilegiada nas pesquisas de intenção de voto, como é o caso do Guilherme Boulos. Ele, assim como outros candidatos já fizeram antes, se esquivou de posicionar-se sobre a atual política de drogas do Brasil. Em todas as oportunidades que teve, ele empreendeu esforços para distanciar sua imagem da de um usuário de drogas, reafirmando os estigmas sobre essas pessoas.

Aqui em Jacarepaguá, vi há alguns poucos meses, numa rede social, um candidato a vereador em pré-campanha dar fragrante em um usuário que fumava seu baseado numa praça do bairro da Freguesia. Junto com a Polícia Mi-

litar (PM), o candidato deu ordem de prisão ao usuário e, sob slogans vociferados contra as drogas, ele e a PM o conduziram à delegacia. Mas o mais curioso neste post foram os comentários da comunidade, cuja reação majoritária foi de agradecimento ao candidato por lutar contra as drogas e deixar o bairro “mais seguro”, enquanto uma parcela menos expressiva ironizava a prisão do usuário de maconha, mencionando que ele não era uma verdadeira ameaça e nem a ação era efetiva contra a violência no bairro. Outros foram mais longe e falaram sobre a ineficácia da ação enquanto o crime do tráfico de drogas não era atingido. Intentando parecer que tomava medidas efetivas em prol da segurança pública, o candidato a vereador empreendia uma cruzada contra usuários de maconha do bairro, uma atitude covarde de quem nem sequer consegue encontrar os redutos de crack da região, locais onde iniciativas de assistência à saúde associadas às campanhas educativas são urgentes, mas essas são iniciativas que esse candidato não tem competência para realizar. O que ele queria era “lacrar” e não mostrar o caminho eficaz de luta contra os usos problemáticos de drogas. Aliás, ele focou na maconha e isso diz muito...

Enquanto isso, o candidato republicano às eleições presidenciais dos EUA se posicionou favoravelmente ao uso recreativo de cannabis em sua campanha. Quem diria que até o Donald Trump, da extrema direita, sinalizaria apoio à legalização da maconha no estado da Flórida, onde ele vive, e que votará pela legalização da erva em novembro próximo. Isto é sinal, sim, de que os negócios que envolvem a planta já cresceram tanto que negá-los representaria perder uma parcela considerável de eleitores que são de empreendedores da planta e, de quebra, de consumidores... Como já disse aqui antes, caro leitor, os negócios que envolvem a cannabis são diversos, complexos e bastante expressivos. Eu diria mesmo que há uma política de drogas específica dos setores mais reacionário que está para além do proibicionismo, mas isso é assunto para outro dia. Nenhum político esclarecido e que acompanha os acontecimentos e tendências atuais quer perder esse nicho. Exceto, é claro, o candidato a vereador de Jacarepaguá, que vive no passado e não tem propostas proativas e contemporâneas para lidar com essa questão, além do achaque covarde aos fumadores de maconha.

Por outro lado, temos também um grupo considerável de candidaturas que levantam a bandeira do antiproibicionismo e são favoráveis à maconha. No Rio de Janeiro, temos os candidatos

à vereadores André Barros e Luciana Boiteux pelo PSOL com campanhas abertamente antiproibicionista e pró-cannabis. O primeiro, André Barros, integra um coletivo de candidatos antiproibicionista brasileiros ligados ao PSOL, a Ganja Coletiva, onde os candidatos pró-legalização se ajudam mutuamente. São campanhas independentes, mas que compartilham um mesmo número eleitoral em suas cidades: 50420. Do Ganja Coletiva, apenas o único candidato que não é do PSOL, mas do PDT, não pode compartilhar esse número em sua campanha, por razões óbvias. Os outros dois candidatos, Marilene Esperança e Onda Verde, são de outros municípios do estado do Rio de Janeiro, por isso, podem compartilhar o mesmo número eleitoral. Mas há ainda outros políticos pró-cannabis que não pertencem ao Ganja Coletivo. É o caso de Luciana Boiteux, vereadora no município do Rio de Janeiro e candidata à reeleição, e o atual deputado federal Henrique Vieira, ambos do PSOL.

Como se vê, a democracia segue seu curso neste aspecto ao assegurar espaço para manifestação de múltiplas vozes no terreno político. Sinal de que a democracia amadurece, ainda que aos trancos e barrancos, e de que o Brasil caminha alinhado com outros países onde o debate sobre a questão está posto

e a população tem oportunidade de ouvir posições divergentes e tomar suas próprias decisões. Mas engana-se quem pensa que a posição pró-legalização é uma demanda dos usuários que querem seus direitos de consumidores assegurados. É também isso, o que é muito legítimo, mas a pauta é extensa e recobre desde questões que envolvem denúncia e enfrentamento do encarceramento em massa de pessoas pretas e pobres; adoção de políticas de saúde e assistências aos usuários e seus familiares; estabelecimento de políticas de segurança que respeitem as comunidades e seus moradores; reformulação dos princípios que fundamentam a atuação das polícias e suas relações com a população; até propostas de reparação histórica para as comunidades que sofrem há décadas com as repressões e achaques das polícias.

Estamos em pleno processo eleitoral e próximos do dia decisivo em que a história desse país pode sofrer uma guinada importante com a eleição dos candidatos sensíveis à toda sorte de sofrimentos criados pela política proibicionista e de guerra às drogas neste país. E você, caro leitor, estará entre aqueles que vão dar apoio a esses candidatos e colaborar para alterar a política de drogas neste país? Então, aberta o verde... e confirma!

políticos pró-cannabis

esse é o 1º levantamento que lista políticos que levam a pauta da cannabis à política institucional

candidato	cargo/candidato	partido	UF
Caio França	deputado estadual	PSB	SP
Camassão	vereador	Psol	SC
Camilo Daniel	vereador	PT	SE
Diogo Busse	vereador	MDB	PR
Goura	deputado estadual	PDT	PR
Henrique Vieira	deputado federal	Psol	RJ
Jéssica Fernanda	vereadora	PDT	MT
Lu Campos	vereadora	PSB	SP
Luciano Ducci	deputado federal	PSB	PR
Mara Gabrili	senadora	PSD	SP
Marina Bragante	vereadora	Rede	SP
Marina Helou	deputado estadual	Rede	SP
Paulo Paim	senador	PT	RS
Pedro da IA	vereador	Rede	SP
Prof. Bittencourt	vereador	PDT	SE
Prof. Erik	vereador	PT	SC
Raoni Molin	vereador	PT	PR
Raul Thame	deputado federal	PV	SP
Vinicius Porto	vereador	PDT	SE

atual bancada da cannabis

também integram a bancada da cannabis
fonte: levantamento feito por Anita Kropp com dados da Bancada da Cannabis/Ganja Coletiva e divulgação de candidatos

candidato	cargo	partido	UF
Alexandre Padilha	deputado federal	PT	SP/DF
Bacelar	deputado federal	PV	BA
Camassão	vereador	Psol	SC
Erika Hilton	deputada federal	Psol	SP
Jéssica Fernanda	vereadora	PDT	MT
Lu Campos	vereadora	Rede	SP
Luciana Boiteux	vereadora	Psol	RJ
Paulo Teixeira	deputado federal	PT	SP/DF
Sâmia Bomfim	deputada federal	Psol	SP

CANDIDATOS QUE APOIAM A PAUTA DA MACONHA

levantamento indica que estas eleições serão as mais canábicas da história

Ganja Coletiva (24 candidaturas)

é um coletivo de campanhas (e não uma campanha coletiva) cujo mote é lutar por uma legalização popular que atenda aos interesses de quem usa a planta.
todos terão o mesmo número nas urnas: 50420

candidato	cargo/candidato	partido	UF
André Barros	vereador	Psol	RJ
Arteira Karin	vereadora	Psol	SP
Brandão Legalize	vereador	Psol	SP
Bruno Levante Periférico	vereador	Psol	SP
Carlos Santos	vereador	Psol	PE
Cris Valéria	vereadora	Psol	SP
Dário4e20*	vereador	Psol	MG
Eder Matos	vereador	Psol	SE
Edsinho Tarja Verde*	vereador	Psol	SP
Elaine Cristina	vereadora	Psol	PE
Fernando do Salve	vereador	Psol	PE
Gabriela Andrighi	vereadora	Psol	SC
Gleick Maia	vereador	Psol	MA
Gustavo Plant	vereador	Psol	SP
Lucas Punk	vereador	Psol	SP
Marcos Salsa	vereador	Psol	SP
Marilene Esperança	vereadora	Psol	RJ
Okki das Olinda	vereador	Psol	PE
Onda Verde	vereador	Psol	RJ
Profeta Verde	vereador	Psol	SP
Santo Legaliza*	vereador	Psol	SP
Sodré Floripa	vereador	PDT	SC
Tulio da Flor	vereador	Psol	SP
Zelize Zeze	vereador	Psol	SC

* único que não é do Psol; foi aceito por ser do convívio dos demais

* Imagens reproduzidas da matéria “A eleição mais canábica de todos os tempos...”, do Poder 360, de 06 de setembro de 2024. Leia mais no texto original: (<https://www.poder360.com.br/opiniao/a-eleicao-mais-canabica-de-todos-os-tempos/>)



Felipe Lucena
Jornalista e roteirista

Resistências e residências culturais: Casa Groov promove eventos em praças de Jacarepaguá

Já consolidada como espaço cultural da Taquara e da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, a Casa Groov, que fica na Estrada do Rio Grande nº 2695, resolveu colocar o bloco na rua. Desde o final do primeiro semestre deste ano, além dos eventos na Casa, apresentações de artistas locais e de outros bairros vêm acontecendo na Praça Salinópolis.

"A ideia é poder levar o nosso universo, através da música, a esses polos, onde se concentram pessoas de todas as faixas etárias e condições financeiras. E com isso divulgar artistas locais, promover cultura, entretenimento gratuito e aumentar o consumo local dos comerciantes", conta Lucas Dias, um dos proprietários da Casa Groov.

O motivo da escolha da Praça Salinópolis se deu por ser um local onde boa parte dos frequentadores assíduos da Casa Groov viveram momentos marcantes na infância e na adolescência. A resposta do público que não frequenta a Casa, mas está na Praça, tem sido positiva.

"A cada nova edição, notamos um grande crescimento de pessoas assistindo as apresentações. Gente que para, dança, tira foto, leva a família, consome nos trailers de nossos parceiros. Abraçaram a ideia e se somaram ao projeto e isso é incrível em um bairro, e região, que ainda precisam de mais equipamentos culturais", frisou Lucas.

O sucesso das edições já realizadas não diminui a vontade de aumentar ainda mais esse bloco. "Nós queremos melhorar e estruturar cada vez mais, com novas edições, divulgação de mais artistas locais, também pensamos em levar o projeto para outras praças da nossa região, como já fizemos no bairro do Anil", explica Lucas.

Como diz a música "Nos bailes da vida", de Milton Nascimento e Fernando Brant, "todo artista tem de ir aonde o povo está". Citando outro importante nome da música brasileira, Fred Zero Quatro, da Mundo Livre S/A: "Quem tem groove tem tudo".

Está cada vez mais fácil visitar a Casa Groov. Seja em casa mesmo ou nas ruas, nas praças. É só chegar que a Groov já chegou.



Casa Groov na rua



Cíntia Travassos
Produtora

Sângódáre é Artista da Máscara e professor de teatro

Nossa querida Jacarepaguá é o berço de talentos. Descobrimos Rodrigo Sângódáre, que mora no sub-bairro do Pau da Fome, na Taquara, região onde nasceu. Cresceu em ambientes bastante artísticos. Em casa, sua avó e sua tia produziam muitas obras de arte em diversas técnicas diferentes, seu pai é funileiro, especialista em reforma de lataria, e sua mãe trabalha com culinária. Além disso, foi criado em terreiro de candomblé, onde possuem uma sólida formação autodidata e artesanal, produzindo

desde estruturas com bioconstrução até os paramentos sagrados, passando pela construção dos instrumentos, confecção de roupas, a prática musical, o cultivo de ervas medicinais. Estes dois ambientes influenciaram muito a sua visão de mundo e estimularam habilidades artísticas polivalentes.

Sângódáre é Artista da Máscara e professor de teatro. E ele diz que é um conceito pautado no sentido da máscara em tradições ancestrais. Em todas as tradições mascaradas do mundo, este artista – que muitas vezes foi escolhido mediante consulta oracular ainda criança – tem uma prática que se assemelha à vocação sacerdotal, toda sua vida gira em torno das práticas associadas à Máscara. Isso implica hábitos e rotinas específicas, que o destacam no dia a dia da comunidade à qual pertence.

Essas máscaras são passadas de geração em geração como heranças, porque por meio delas seus ancestrais podem influenciar na vida prática e cotidiana. Elas também carregam um conjunto de signos e significados que expandem a percepção sobre comunidade e pertencimento.

Como todo artista, seu desejo principal é atingir um patamar de retorno financeiro do seu trabalho que



O grande artista de máscara teatral Rodrigo Sangodare esbanjando alegria com sua criação

lhe permita oferecer um ambiente confortável para sua família. Viajar o mundo documentando culturas mascaradas, aprender mais sobre essas tradições e socializar esse conteúdo em larga escala. A ideia é que todas as atrizes e atores tenham oportunidade de se apropriar da Linguagem da Máscara Teatral – que ainda é bastante elitizada e centralizada nos grupos de vanguarda teatral das décadas de 1980/1990.

Instagram@rodrigasangodare



Sangodare ministrando oficina de construção de máscara no Anima Praça

Yakaré Upá Guá: a baixada que existia antes de Jacarepaguá



Yakaré Upá Guá

Val Costa - Texto e fotos
Pesquisador do IHBAJA e
professor de História e Geografia

Entre 1555 e 1567, a região da Baía de Guanabara foi palco de vários conflitos envolvendo portugueses e franceses. Liderados por Nicolas Durand de Villegagnon, os súditos do rei Henrique II tentaram consolidar uma colônia no Rio de Janeiro: a França Antártica. Essa disputa suscitou a fundação, no dia 1º de março de 1565, da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Estácio de Sá, seu fundador, morreu em decorrência de uma flechada no rosto durante esses combates. Substituí-o no governo da capitania do Rio de Janeiro seu primo, Salvador Correia de Sá. Em 1567, o novo governador doou sesmarias na planície costeira compreendida entre o Maciço da Tijuca, o Maciço da Pedra Branca e o mar para dois auxiliares administrativos: Jerônimo Fernandes e Julião Rangel.

Em 9 de setembro de 1594, os filhos de Salvador Correia de Sá, Martim Correia de Sá e Gonçalo Correia de Sá, solicitaram ao seu pai as terras da Baixada de Jacarepaguá, alegando que os sesmeiros originais não desenvolveram nenhuma atividade econômica nelas. Segundo a Lei das Sesmarias, as terras que não eram cultivadas no prazo de 30 anos voltavam às mãos da Coroa Portu-



Vista parcial da Baixada de Jacarepaguá com a Pedra da Panela ao fundo



A lagoa de Jacarepaguá, que deu o nome ao local, aparece na parte de cima dessa foto

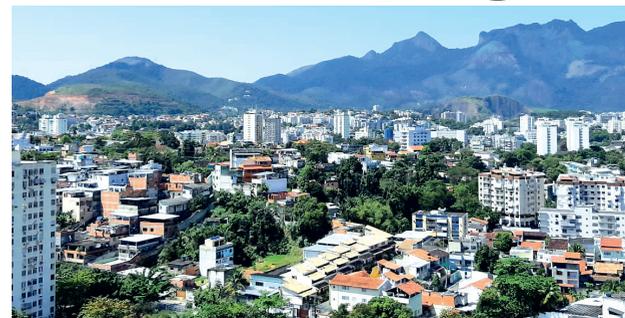


Vista parcial da Lagoa de Marapendi

guesa. Sob esse argumento, os dois irmãos pediram essa área e tiveram sua solicitação atendida.

A Lei N.º 5.146, de 7 de janeiro de 2010, que instituiu o Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas da Cidade do Rio de Janeiro, estabeleceu o dia 9 de setembro para a comemoração do aniversário de Jacarepaguá.

Muito antes da chegada dos europeus e também da fixação dos Tamoios e Temiminós na área onde atualmente está o estado do Rio de Janeiro, a região da Baixada de Jacarepaguá já tinha sido ocupada pelos povos sambaquieiros. A palavra “sambaqui” vem do Tupi e significa “amontoado de conchas”. Os sambaquis são os mais antigos vestígios do ser humano em nosso litoral. Constituem montes formados por restos de mariscos, utensílios domésticos, espinhas de peixes e esqueletos de indivíduos da nossa espécie. Os primeiros sambaquieiros ocuparam a área por volta



Parte da Baixada de Jacarepaguá com o Maciço da Pedra Branca ao fundo

de 4.500 anos atrás. Isso é atestado pela descoberta de diversos sambaquis na costa marítima da Baixada de Jacarepaguá e também por restos de conchas e ferramentas de rochas encontradas no Maciço da Pedra Branca.

Quando os portugueses iniciaram o processo de ocupação do que hoje corresponde ao estado do Rio de Janeiro, encontraram povos guerreiros que foram divididos pelos pesquisadores em quatro famílias linguísticas: Tupi-Guarani, Puri, Botocudo e Maxakali. Nessa época, na base do Maciço da Pedra Branca, existia uma aldeia Tupinambá chamada *Ta'kwaru Su tyba*. Ela era comandada pelo famoso cacique Abatipossanga, temido em toda a região. Nas margens da Lagoa do Camorim existia uma outra taba indígena. Seu nome era *Guará-guaçu-mirim*, que significa “filhote de lobo grande”. Esse agrupamento pertencia aos Tamoios e reunia centenas de indivíduos.

A herança deixada pelos povos originários pode ser vista em diversos nomes de ruas e bairros da região. O próprio nome “Jacarepaguá” vem da família linguística Tupi-Guarani, significa “lagoa rasa dos jacarés” (*upá*=lagoa, *guá*=rasa e *iakaré*=jacaré).

Quer conhecer um pouco mais sobre a História de Jacarepaguá?

Siga as páginas do IHBAJA nas redes sociais.

<https://www.facebook.com/ihbaja/>

<https://www.instagram.com/ihbaja/>



Rodrigo Hemerly
Historiador & professor
professor.hemerly@uol.com.br
e site: www.historiahumana.com.br

Emancipação Política do Brasil (1822)

A Emancipação Política do Brasil, faz parte de um processo histórico maior (Emancipação Política da América Latina), o qual mudou radicalmente o cenário político (geopolítico) nas três primeiras décadas do século XIX, influenciando fortemente a Revolução Francesa (1789-1815).

A Transmigração da Família Real (migração da Família Real Portuguesa de Lisboa para Rio de Janeiro nos anos de 1807-1808), quando esta precisou fazer essa movimentação com o intuito de se proteger da iminente invasão das tropas napoleônicas, enfraqueceu o Pacto Colonial (relação entre metrópoles) e possibilitou o início da Emancipação Política do Brasil.

Com a chegada da Família Real Portuguesa, foi instalado o aparato estatal do Estado Português, com a intenção de manter a Coroa Portuguesa funcionando normalmente, apesar das circunstâncias adversas. A classe dominante brasileira aproximou-se da figura de dom João VI, com a intenção de obter vantagens socioeconômicas (inclusive garantir a “auto-

nomia política” das terras brasileiras com a manutenção da Coroa Portuguesa no Brasil), o que de fato aconteceu.

A Revolução Liberal do Porto ocorreu no ano de 1820, tendo como um dos seus pilares o pleno reestabelecimento do Pacto Colonial, com o retorno da Família Real Portuguesa e a redução da “autonomia política” obtida pelo Brasil em relação a Portugal, em virtude da Transmigração da Família Real. Nesse cenário político, a classe dominante brasileira reagiu, agravando a tensão política na época e conseguindo que Pedro de Alcântara (futuro dom Pedro I) ficasse nas terras brasileiras, enquanto dom João VI retornou para as terras portuguesas. Com o aumento das tensões políticas entre Brasil e Portugal, houve o rompimento político (tendo havido conflito armado) entre as duas partes em questão. O reconhecimento da Emancipação Política do Brasil em relação a Portugal, se deu no ano de 1825.

Este artigo foi escrito pelo professor e historiador Rodrigo Hemerly, bacharel e licenciado em História e especialista em Avaliação Educacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: professor.hemerly@uol.com.br e página eletrônica: www.historiahumana.com.br.



D. Pedro - Emancipação Política do Brasil (1822)